

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊSEaD

DAIANE CORDEIRO PEREZ

**CONSIDERAÇÕES SOBRE UM NOVO COMEÇO EM *PERTO DO CORAÇÃO*
SELVAGEM, DE CLARICE LISPECTOR**

Sant'Ana do Livramento

2021

DAIANE CORDEIRO PEREZ

**CONSIDERAÇÕES SOBRE UM NOVO COMEÇO EM *PERTO DO CORAÇÃO
SELVAGEM*, DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português EaD da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Luciana Abreu Jardim

Sant'Ana do Livramento

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

P438c Perez, Daiane Cordeiro
Considerações sobre um "novo começo" em "perto do
coraçãoselvagem", de Clarice Lispector / Daiane
Cordeiro Perez.

27 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.
"Orientação: Luciana Abreu Jardim".

1. Ação. 2. Novo Começo. 3. Hannah Arendt. 4.
Joana. 5. Clarice Lispector. I. Título.

DAIANE CORDEIRO PEREZ

CONSIDERAÇÕES SOBRE UM NOVO COMEÇO EM *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM*, DE CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português EaD da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Abreu Jardim.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 07 de junho de 2021.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Luciana Abreu Jardim

Orientadora

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Prof.^a Dr.^a Cláudia Camerini Corrêa Perez

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Prof.^a Dr.^a Camila Gonçalves dos Santos do Canto

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **CAMILA GONCALVES DOS SANTOS DO CANTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/06/2021, às 17:30, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIANA ABREU JARDIM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/06/2021, às 11:31, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLAUDIA CAMERINI CORREA PEREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/06/2021, às 17:43, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_or_gao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0543338** e o código CRC **5C240325**.

Criado por camilasantos, versão 3 por camilasantos em 08/06/2021 17:30:13.

RESUMO

O presente trabalho monográfico aborda a conceito do *Novo Começo*, formulado pela pensadora Hannah Arendt, quando propõe a *Ação* como uma das atividades humanas que é capaz de manifestar a potencialidade do novo e singular recomeço em cada um. Dessa forma, o estudo relaciona o *Novo Começo* com as experiências de vida sentidas pela personagem Joana, de *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector. Nesse sentido, ao longo da pesquisa bibliográfica, através da modalidade artigo científico, conta com obras e artigos que, em consonância com os argumentos defendidos pelo pesquisador, buscam analisar a seguinte questão norteadora: É possível reconhecer a possibilidade do “Novo Começo”, a partir da personagem Joana, de *Perto do coração selvagem*?

Palavras-Chave: Ação; Novo Começo; Hannah Arendt; Joana; Clarice Lispector.

ABSTRACT

The present monographic work addresses the concept of the *New Beginning*, formulated by the thinker Hannah Arendt, when she proposes *Action* as one of the human activities that is capable of manifesting the potential of the new and singular restart in each one. In this way, the study relates the *New Beginning* to the life experiences felt by the character Joana, in *Near the Wild Heart*, by Clarice Lispector. In this sense, throughout the bibliographic research, through the scientific article modality, it has works and articles that, in line with the arguments defended by the researcher, seek to analyze the following guiding question: It is possible to recognize the possibility of the “New Beginning”, starting from of the character Joana, from *Near the Wild Heart*?

Keywords: Action; New Beginning; Hannah Arendt; Joana; Clarice Lispector.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8.
I. ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE A OBRA A <i>CONDIÇÃO HUMANA</i>.....	11
II. OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE A LEITURA DE <i>PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM</i>	16
III. SE FOR PARA DIZER SIM, QUE SEJA PARA UM NOVO COMEÇO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso aborda o conceito do “Novo Começo”, segundo a formulação da pensadora Hannah Arendt no capítulo “V” com o título, *Ação*, da obra *A condição Humana*, relacionando-o a uma obra literária. Trata-se de pensar sobre o novo começo de Hannah Arendt à luz da obra *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector. Em virtude da situação de opressão da história das mulheres e de sua falta de visibilidade, justifico a minha escolha tanto temática quanto conceitual.

A questão norteadora pretende trazer reflexões sobre as condições do conceito o “Novo Começo” na obra *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, na sua relação com a teoria de Hannah Arendt em *A condição Humana*, que problematiza esse ponto. Pretende-se responder à seguinte pergunta: É possível reconhecer a possibilidade do “Novo Começo”, a partir da personagem Joana, de *Perto do coração selvagem*? Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo refletir sobre as condições do conceito o *Novo Começo* na obra *Perto do coração Selvagem*, de Clarice Lispector, tendo como suporte teórico a construção de Hannah Arendt em *A condição Humana*, de forma a refletir sobre o novo começo, segundo a formulação de Hannah Arendt, a partir de Joana, além de colaborar para a crítica de Clarice Lispector. Como desdobramento dessa questão, pretendo apontar caminhos de leitura para a existência ou não de novo(s) começo(s) no percurso da personagem Joana.

A partir da experiência como professora do Ensino Fundamental, tenho buscado material conceitual na intenção de respaldar teoricamente as questões que me tocam tanto na prática escolar quanto na minha vida de leitora. Portanto, esse trabalho foi desenvolvido a partir de um desejo pessoal de observar o comportamento feminino de algumas mulheres que passam por situações de abalo em seu cotidiano, sejam eles físicos e/ou psicológicos, bem como o fácil consentimento de tudo que lhe é imposto. Além disso, é comum perceber, em círculos de nossa convivência no interior do Rio Grande do Sul, mulheres que se mostram magoadas, tristes, confusas, desistindo de seus sonhos, mesmo quando ainda os têm. Ou ainda, observa-se que, quando questionadas, nem sonhos sobraram mais, sobrou-lhes apenas a aceitação de que nada mais pode mudar em suas respectivas vidas.

Porém, a questão que me deparo é a seguinte: De que forma entender e colaborar com mulheres em situações delicadas como essas, e a que estudo recorrer? Assim, sendo estudante da área de humanas, procurei encontrar na Literatura, considerando a sua relação com a história

do pensamento, pesquisadores que trouxessem em seus estudos, possíveis conceitos sobre os quais eu pudesse encontrar sustentação para algo que até então não passava de uma intuição pessoal. Dessa forma, ao longo desse estudo, procuro apresentar autores que “conheci” durante o período de minhas pesquisas, que me auxiliaram a construir um pensamento científico quanto ao ato de “agir” no auxílio do outro.

No primeiro capítulo, proponho, segundo o título do capítulo “Abordagem teórica sobre a obra *A Condição Humana*”, apresentar o conceito desenvolvido pela pensadora Hannah Arendt, uma vez que trouxe em suas pesquisas uma retomada importante sobre o comportamento humano e suas atividades fundamentais de *Vida Activa, Labor, Trabalho e Ação*. E essa última atividade é que será retomada por mim nesse primeiro capítulo. A partir do seu texto, foi possível interpretar o porquê da nossa formação de mundo e da possibilidade de modificá-lo, tendo em vista a noção de “pluralidade”, que é referida pela pensadora na atividade “Ação”. Busco evidenciar a referência que a autora faz ao termo “Ação”, esta que pode influenciar nas mais diversas relações sociais. Neste capítulo, procuro mostrar, através de passagens escritas por Hannah Arendt, como se dá a “Ação” humana, bem como expor minhas interpretações quanto à proposta trazida por ela sobre as possibilidades de um “Novo Começo”. Com o intuito de mostrar essas possibilidades no cotidiano de algumas vivências, recorro a uma das obras de Clarice Lispector, a saber, *Perto do Coração Selvagem*. Para isso, citarei ao longo do capítulo, como fundamentação à temática “maternidade”, a pesquisa realizada pela professora Luciana Jardim. Trata-se de inserir a questão do novo começo nos estudos literários. Dessa forma, encontro no ensaio “Fragmentos de novos começos: notas sobre a temporalidade do corpo feminino em textos de Clarice Lispector e Conceição Evaristo”, o debate do novo começo ligado aos estudos literários desenvolvidos pela teórica Julia Kristeva, para o Encontro de 2020 do NIELM (Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura), no Rio de Janeiro.

No segundo capítulo, que se intitula “Olhares e perspectivas sobre a leitura de *Perto do Coração Selvagem*”, trago como fortuna crítica relacionada ao texto ficcional o ensaio intitulado *O Drama da linguagem. Uma Leitura de Clarice Lispector*, de Benedito Nunes, leitor e crítico da Literatura de Clarice Lispector. Em seu texto, o crítico analisa características próprias da autora, quando utiliza, em seus contos e romances, as experiências sobre o foro íntimo dos personagens claricianos. Em continuidade à fundamentação argumentativa, trago fragmentos do texto da autora Nádia Battella Gotlib, *Clarice: uma vida que se conta*. Nessa perspectiva, procuro “dialogar” com essas obras, a fim de buscar material sobre possíveis encadeamentos com a proposta do novo começo. Em sequência, apresento a autora Clarice

Lispector e faço um breve resumo de sua obra *Perto do Coração Selvagem*, que tece a história de uma personagem chamada Joana, que, por vários fatores, como o fato de ser órfã, busca conhecer-se a partir de questionamentos que faz sobre si, bem como sobre as situações externas que acabam afetando a sua trajetória. Nessa obra, é possível perceber recortes que fundamentam o conceito de “Agir” e a capacidade de encontrar novas oportunidades, possibilidades, “novos Começos”. Além disso, este é um romance que proporciona relevantes reflexões sobre a busca de identidade e reflexões de uma vida marcada pelos sentimentos relacionados à maternidade.

No terceiro e último capítulo, intitulado “Se for para dizer sim, que seja para um começo novo”, apresento a minha leitura sobre a possibilidade de novo(s) começo(s) em *Perto do coração selvagem*, tendo como referência a personagem Joana, considerando a hipótese da existência de um novo começo, de novas chances e oportunidades, procuro mostrar, de acordo com o romance, aspectos da vida da personagem Joana, enfatizando a filha questionadora e seu

“desejo de renascer” (LISPECTOR, 2019, p. 41). Retomo a possibilidade de um “novo recomeço”, um olhar interiorizado e de reconhecimento sobre si, sendo ele capaz de encorajar quem se mostra em situações como a da filha Joana, que consegue se deslocar de uma situação de inquietude, por não saber ainda o que quer, para outra, de superação.

I. ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE A OBRA *A CONDIÇÃO HUMANA*

Esse estudo foi pensado por intermédio de certos incômodos, a partir de reflexões sociais que transcorrem por meus dias enquanto professora do Ensino Fundamental da rede municipal de Sant'Ana do Livramento. Sendo assim, busquei, através da literatura, pesquisas a respeito do comportamento humano, como forma de não apenas entender, mas encontrar maneiras de colaborar com algumas vivências que podem ser instigadas ao encontro de novas oportunidades. Nesse sentido, contei com os estudos da filósofa e pensadora política alemã Hannah Arendt, que traz, por intermédio de suas investigações, a ideia de um “Novo Começo”:

O novo sempre acontece em oposição à esmagadora possibilidade que, para todos os fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim, o novo sempre aparece na forma de um milagre. O fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável (ARENDR, 2016, p. 220).

Esse trecho reflete sobre a “ação” do homem, que, segundo a autora, é uma das “condições” que temos para viver em pluralidade, pelo sublime fato de sermos únicos, também somos capazes de realizar trocar a partir das vivências em sociedade, uma vez que somos, como dito em suas palavras, “um ser único entre iguais” (ARENDR, 2016, p. 221). Pensando nisso, eis que surge uma reflexão: e como apenas observar situações árduas e incompatíveis as nossas e nada fazer? Esse questionamento permite que inúmeros sentidos sejam estimulados com o propósito de olharmos em volta e analisarmos os contextos externos. Sendo essa uma indagação que reverbera o sentido senso-crítico, penso e interpreto que, por sermos singulares, somos indivíduos capazes de pensar e agir, e não apenas suavizar a dor do outro, mas também mostrar que há infinitudes de caminhos que podem ser seguidos enquanto existirmos. Entretanto, de que maneira podemos existir? Trata-se de uma questão que não admite apenas um caminho. Podemos, por exemplo, ao transformar nossos pensamentos emocionais de auxílio, conforto, apoio etc., em algo maior, como projetos sociais que possibilitem o auto reconhecimento de comunidades. Entendemos que a partir daí um possível novo começo seja capaz de surgir. Gostaria de salientar que utilizei o termo “auto reconhecimento” no sentido de uma identidade. Na segunda seção desse estudo, trarei uma análise mais profunda a respeito da ideia de identidade a partir da personagem Joana, da obra *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector. Na sequência, quando uma mulher que faz parte da comunidade supracitada, por exemplo, sabendo que ela deve exigir seus direitos, indiretamente poderá mudar a vida de quem

a rodeia, seja filhos, marido etc.

Ademais, podemos assegurar que é possível encontrar um caminho, um novo começo a partir de nossas inquietações. As palavras de Hannah Arendt surgiram como uma âncora em pensamentos que até então eram só meus, me fazendo pensar o seguinte: qual seria a razão de mulheres, jovens ou não, desacreditarem em si mesmas, aceitando que determinadas situações penosas eram capazes de ocultar seus sonhos e seus planos. Seguindo esse pensamento, a autora menciona que “o homem é capaz de agir” (ARENDR, 2016, p.220). Sendo assim, se não é possível agirmos sozinhos, podemos agir pelos outros e com os outros de alguma maneira. Segundo o professor Adriano Correia, autor do prefácio “Pensar o que estamos fazendo”, da obra *A condição humana*, de Hannah Arendt, são retomados alguns argumentos a respeito da ideia de um novo início, sustentados por Santo Agostinho:

mas permanece também a verdade de que cada fim na história contém necessariamente um novo início; esse início é a promessa, a única mensagem, que o fim pode produzir. O início, antes de se tornar um evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, é idêntica à liberdade do homem. [...] (Agostinho apud ARENDR, 2016, p. 16).

É notório, a partir do recorte, a menção trazida pelo professor Adriano Correia sobre possíveis inícios, me remetendo a pensar sobre questões voltadas às mulheres que vivem em situações angustiantes, em especial, as mulheres que fazem parte do meu convívio na comunidade escolar para a qual trabalho, e que, por algum motivo se acomoda ou simplesmente aceita viver nesse cenário de tamanha opressão. Sendo assim, ao longo da obra de Hannah Arendt, me proponho a analisar, por intermédio das palavras da pensadora, a relação do comportamento humano na vida dessas mulheres. Ao comparar as indagações que faço sobre o cotidiano das mulheres que tenho observado com os estudos da autora, é possível reconhecer que há possibilidades de mudanças nesses contextos de vida, uma vez que o termo “Novo Começo” seria como uma forma de entender que sentimentos, como o medo, a impotência e até mesmo a dor, não podem impedir que se tenha êxito em suas experiências.

Em consonância com os estudos mencionados, a professora de Literatura Luciana Jardim, traz, em suas pesquisas, um estudo sobre a escritora e teórica da literatura Julia Kristeva. Além disso, a professora Luciana Jardim, no artigo *A experiência da Literatura desde a paixão materna*, publicado na Revista Terceira Margem, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), faz um elo entre a filosofia e a literatura, pois traz alguns ensaios sobre Julia Kristeva, que nos permitem refletir a partir de questões que envolvem as mulheres, sua representação feminina e relação com a maternidade, além de contribuir com a literatura quando nos referimos

ao sentido materno. Em um de seus recortes, a professora Luciana Jardim me leva a pensar sobre a figura da mulher, pois: “Observa-se que o feminino gosta de se esconder” e, assim como sustenta Kristeva, “não há uma essência do feminino” (JARDIM, 2019, capítulo II: Estética da encarnação. p. 03 apud. KRISTEVA, 2005, p. 147). Partindo desses estudos, procuro encontrar, ao longo da pesquisa, maneiras colaborativas para que as mulheres de meu convívio encontrem possíveis caminhos para alcançar a liberdade necessária para que possam sair de situações negativas. Nesse sentido, o conceito “Novo Começo”, apresentado anteriormente por Hannah Arendt, surge como um pensamento novo e libertador para o cenário observado por mim, marcado pela misoginia e pelo falocentrismo. Observo que a manifestação da rebeldia no contexto de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, que faz parte da minha geografia de observação, ainda é mal vista como processo de libertação. Ademais, cada mulher tem intimamente a sua própria percepção de mundo e como se vê, sendo parte dele.

Para a palestrante portuguesa Mónica Guerra da Rocha, que tem suas pesquisas voltadas às questões da natureza, da terra e do feminino, ao participar do evento TEDx Talks UniRio, com a palestra *A Terra é uma mulher e o meu útero, o Universo*, aborda esse tema apontando passagens de sua vida. Nesse sentido, enfatiza que ao perceber que pela primeira vez que estava no ciclo menstrual, sentiu e chorou de tristeza. Nesse momento, comparava-se à terra quando chamada de *infértil, escassa, submissa*. Mónica Rocha menciona ao longo do vídeo algumas frases que ouvia: “Submissa! Fecha a perna! Vulnerável! Fica atrás de um grande homem!” (ROCHA, 2018). Esses conceitos fariam parte da vida dela naquele momento em diante. Desse modo, ela ainda relata que aos dezesseis anos teve anorexia nervosa, pois não queria comer: “Eu rejeitei qualquer alimento dentro do meu corpo, rejeitando o meu próprio corpo, enquanto mulher” (...). Conforme a sequência de informações dadas pela palestrante, sentia-me na posição de também perceber que cada mulher reconhece o seu corpo e suas mudanças de maneiras diferentes, mas é notório que haja uma transformação íntima e personalizada em cada uma, e aqui me refiro a nós mesmas. Como foi essa experiência? Pego-me a pensar: outro aspecto importante e delicado é quando a palestrante revela um outro questionamento: “Será que essa verdade que já foi contada tantas vezes, é uma verdade que me cabe? Infertilidade? Estar atrás de um grande homem? Submissa? Ou será que eu posso mudar tudo isso?”. Esses questionamentos soaram fortes para mim, pois ao situar a figura feminina em uma sociedade como a que vivemos, que ainda dita regras e posturas que a mulher deva ter, é como repensar em outras possibilidades.

Por intermédio desse pensamento é possível notar que, quando as mulheres se unem em prol de si mesmas, quando há uma conscientização de que é possível mudar “verdades”

impostas, estamos diante de uma ação humana que beneficia a um grupo maior., um pensar social. É importante salientar que muitos homens, parceiros dessas mulheres, as veem como parte da casa, responsabilizando-as pela tarefa das refeições, por exemplo, na expectativa que atendam às suas exigências, que estejam ansiosas a sua espera quando retornam do trabalho. Além disso, o patriarcado exige das mães que o cuidado dos filhos seja de sua inteira obrigação - quando não as têm por objeto de luxúria e desejos mais complexos. Dessa forma, pensar na libertação feminina é pensar no que cada uma quer para si e respeitar suas vontades. No entanto, o caminho mais próximo que vejo é o da reflexão e acolhimento entre mulheres, pois é quando nos permitimos ouvir e deixar de lado o julgamento para dar espaço à troca solidária.

Nessa perspectiva, tenho ouvido relatos íntimos de quem quer mudança, porém não faz ideia de como encontrá-la, de como proceder diante de uma cultura machista que se instalou entre nós. É nessa busca pela liberdade em que muitas mulheres se encontram, e encontrar apoio na literatura é uma das formas eficientes de auxílio, pois através da leitura de obras literárias é possível observar com clareza alguns fatos que são comuns a nossos olhares. A filósofa e escritora Sueli Carneiro, no livro *Escritos de uma vida*, menciona a relação desigual entre homens e mulheres e suas ocupações:

Embora as desigualdades salariais significativas entre homens e mulheres que ocupem as mesmas funções permaneçam, é inegável que a crítica feminista sobre as desigualdades no mercado de trabalho teve papel importante na intensa diversificação, em termos ocupacionais, experimentada pelas mulheres nas últimas três décadas. Um dos orgulhos do movimento feminista brasileiro é o fato de, desde o início, estar identificado com as lutas populares e com as lutas pela democratização do país (CARNEIRO, 2019, p. 197).

Neste recorte, Carneiro enfatiza sobre a luta e importância do movimento de mulheres. Além disso, pensando nesses incômodos que me motivaram a discorrer sobre esse tema, por intermédio das palavras da autora, percebo que sou levada a desdobramentos. Sendo assim, na obra *Perto do coração selvagem*, a escritora Clarice Lispector nos convida a conhecer a história de Joana, uma personagem que, por ser órfã, acaba por morar com seus tios, que logo não a compreendem e a levam para viver em um internato, lugar onde vive rodeada de interessantes devaneios e indagações até a fase adulta:

Nesse instante mais desperta, se quisesse, com um pouco mais de abandono, Joana poderia reviver toda a infância... O curto tempo de vida junto ao pai, a mudança para a casa da tia, o professor ensinando-lhe a viver, a puberdade elevando-se misteriosa, o internato... o casamento com Otávio... Mas tudo isso era muito mais curto, um simples olhar surpreso esgotaria todos esses fatos (LISPECTOR, 2019, p.12).

Analisamos, a partir desta citação, uma personagem que vive uma busca incansável de algo que, talvez, nem mesmo ela saiba. Se refletirmos sobre essa relação de busca, podemos anexar essa ideia ao conceito apresentado pela pensadora Hannah Arendt e também à realidade das mulheres que me motivou para a escrita dessa temática. Em sequência, o professor Gilson da Silva, na dissertação *Fragmentos desejantes em devir: uma leitura de Perto do coração selvagem, de Clarice Lispector*, enfatiza a questão da travessia que ocorre nas obras claricianas, discorrendo sobre uma travessia que “se configura numa aventura em direção à coisa, rumo ao objeto de gozo” (SILVA, 2010, p. 11). Nesse sentido, o autor aborda sobre o sentido que Joana busca, citado anteriormente: “Joana, que tem, na procura, o sentido de sua existência” (SILVA, 2010, p. 11).

Ademais, a professora Nádia Batella Gotlib, no livro *Clarice: uma vida que se conta*, faz uma combinação entre a vida e a obra da autora. Nesse sentido, me instigou ainda mais a conhecê-la, pois quando se refere à obra *Perto do Coração Selvagem*, a crítica literária se refere à personagem Joana como alguém que não aceita as limitações que lhe foram impostas. Em uma das passagens, Nádia Gotlib diz que:

Mas é ao situar a personagem Joana em relação às outras que o crítico ressalta uma terrível marca dessa personalidade, já, de diferentes modos, abordada pelos outros críticos. Joana está fadada a viver só porque não aceita os limites, embora saiba que não pode superá-los. E vive em estado de perplexidade: “Nunca preparei meu coração”. Seria esta também a verdade da escritora Clarice Lispector? (GOTLIB, 1995, p. 185).

A partir dessa citação, é possível analisar a abertura para a pluralidade de leituras, estudo realizado pela crítica, e me permite pensar em quantas “Joanas” podem existir no meio em que socializamos. Portanto, são textos que, ao decorrer da pesquisa, mostram realidades acompanhadas de possibilidades que podem ser trazidas para nossas vivências.

II. OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE A LEITURA DE *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM*

Nesse capítulo, procuro mostrar diferentes olhares sobre a obra citada nesse trabalho, assim como fragmentos de pesquisadores que voltam seus estudos para a vida e obra de Clarice Lispector. O texto *O Drama da linguagem. Uma Leitura de Clarice Lispector*, de Benedito Nunes, faz uma análise sobre algumas características presentes em suas obras. O autor ressalva o seguinte:

Na maioria dos contos da autora, o episódio único que serve de núcleo à narrativa é um momento de *tensão conflitiva* (...) tal momento de crise interior aparece diversamente condicionado e qualificado em função do desenvolvimento que a história recebe. Assim, em certos contos, a tensão conflitiva se declara subitamente e estabelece uma ruptura do personagem com o mundo. Noutros, porém, a crise declarada, que raramente se resolve através de um ato, mantém-se do princípio ao fim, seja como aspiração ou devaneio, seja como mal-entendido ou incompatibilidade entre pessoas, tomando a forma de estranheza diante das coisas (...) (NUNES, 1989, p. 84).

É a partir dessa “estranheza diante das coisas”, citada pelo autor, que Clarice Lispector apresenta a personagem Joana em seu primeiro romance, publicado em 1944. Joana, desde cedo, revela-se questionadora no convívio ao lado do pai, desde seus sentimentos às questões que pareciam comuns aos olhos externos. Para ela, tais enfrentamentos deveriam ter uma razão. Em várias passagens do texto, ela mostra-se impaciente por respostas, atenção para que seja compreendida como já o fez no primeiro capítulo, “O pai”: “Esfregou o pé espiando de través para o pai, aguardando seu olhar impaciente e nervoso. Nada veio, porém. Nada. Difícil aspirar as pessoas como aspirador de pó” (LISPECTOR, 2019, p. 12). Dessa forma, foi se manifestando a protagonista Joana, cheia de dúvidas e inquietações, traçando sua relação com o pai. Vejamos:

- Papai, que é que eu faço?
- Vá estudar.
- Já estudei.
- Vá brincar.
- Já brinquei.
- Então não amole (LISPECTOR, 2019, p.13).

Apesar de pouco tempo juntos nessa relação, Joana ainda estava confortável diante do

que viveria mais tarde, pois já sem a presença da mãe, que havia falecido enquanto ela ainda era muito pequena, Joana cresceu: ela e suas incertezas. Ao ler algumas passagens do livro, é possível perceber a ansiedade de Joana por ter companhia, pois assim como ela necessitava da atenção do pai, também repetiu a mesma ansiedade no desdobramento do romance, que não segue uma sequência cronológica: ora o capítulo apresentado é na infância, ora memórias de uma vida adulta. Sendo assim, faço uma observação para a crítica da professora e pesquisadora de Literatura Nádia Battella Gotlib. Em seu livro *Clarice: Uma vida que se conta*, no capítulo I, “Da Rússia ao Recife”, entramos em contato com a infância de Clarice Lispector e, curiosamente, Clarice Lispector expressa a mesma necessidade que Joana, a personagem de *Perto do Coração Selvagem*, demonstrando a necessidade de estar em companhia de outras pessoas. A pesquisadora conta que, “Além das dificuldades de ordem financeira, o fato de serem imigrantes russos deve ter provocado também na comunicação com outras pessoas. Clarice sente necessidade de companhia. Bem mais tarde recorda-se desses tempos.” (GOTLIB, 1995, p.74). A pesquisadora aborda experiências da vida de Clarice Lispector, que inclui relatos vários. Vejamos um recorte:

Ah! Eu descia do andar e ficava na porta da escada e toda criança que passava, conforme fosse – porque o meu instinto me guiava- eu perguntava: Quer brincar comigo? Alguns aceitavam, uns outros não! E para outros, eu não perguntava! (GOTLIB, 1995, p. 74).

Em continuidade, Clarice Lispector salienta ainda que os “não” eram muitos e “sim” eram poucos. Como se não bastasse, conta ela em crônica “Às vezes, me desprezavam como menina” (GOTLIB, 1995, p.74). Desta maneira, quando leio as expressões deixadas em relato da autora do livro *Perto do Coração Selvagem*, ao analisar a vida da personagem Joana, percebo que as mulheres, seja no romance ou na vida cotidiana, encontram dificuldades em muitos casos de relacionamentos, simplesmente pelo fato de “ser mulher”. Nádia Gotlib, que, em seu livro faz uma homenagem à autora, traz também um pouco de Joana: “Joana, em *Perto do Coração selvagem*, aplaca sua solidão inventando companhias imaginárias que se transformam em personagens de seu universo infantil” (GOTLIB, 1995, p.74). Além disso, Joana era observadora e cheia de medos; por exemplo, tinha medo de dormir sozinha. Em uma das noites em que seu pai recebeu um amigo, o Alfredo, Joana ouvia atentamente seus diálogos, e como não chovia para ofuscar os ruídos vindos da conversa, ela ouviu falar em sua mãe. Elza, que, pelas características dadas pelo pai, “Era fina, enviesada - Sabe como é, não é? -, cheia de poder. Tão rápida e áspera nas conclusões, tão independente...” (LISPECTOR, 2019, p. 25). Em

sequência, Joana enquanto riscava a poltrona com a unha, continuava a ouvir o seu pai, que lhe contava que sua mão não precisava dele, nem ele dela, porém, viveram juntos. E assim, entre acordar e dormir, Joana pensava que, no dia seguinte iria observar as galinhas do vizinho pela janela. À medida que passava o tempo, Joana questionava a si e algumas aos outros, como sua professora para quem disse “O que é que se consegue quando se fica feliz? [...] – Queria saber: depois que se é feliz o que acontece? O que vem depois?” (LISPECTOR, 2019, p. 27).

Nesse sentido, vejo que desde cedo ela não se conformava com o que era comum, mas sim buscava atender o que seu coração lhe pedia. Aceitar tudo que lhe era imposto, como disciplina, não era uma característica de Joana. Na obra literária *Perto do coração Selvagem*, é possível encontrar a capacidade de agir que nos propõe Hannah Arendt, pois ela nos mostra que:

Ação e discurso são tão intimamente relacionados porque o ato primordial e especificamente humano deve conter, ao mesmo tempo, resposta à pergunta que se faz a todo recém-chegado: Quem és? Essa revelação de quem alguém é está implícita tanto em suas palavras quanto em seus feitos (ARENDDT, 2016, p. 221).

E quando retornamos à marcante presença de Joana no desdobramento da leitura, retomamos também à busca que ela faz por sua própria identidade: Quem é Joana? Que mulher e quais sentimentos descobrirá? No decorrer do romance, percebemos as várias e bruscas mudanças que ocorrem na vida dela após a morte do seu pai. O texto me remete a inúmeras reflexões. Quando o li, pude olhar de forma atenta para muitas mulheres, como não o fazia antes, pois como a personagem, quantas entre nós também não passam por situações semelhantes? Há na personagem a esperança de encontrar no seio da família um abraço acolhedor, um momento de compreensão. Porém, assim como acontece com Joana, que não recebe o afeto esperado, acontece nas inúmeras mulheres, cujas famílias ainda preservam aspectos da cultura patriarcal em sua forma de relacionamento afetivo.

Em continuidade ao texto, Joana então viaja longa distância para encontrar e morar com sua tia, como mostra a seguinte passagem.

A viagem era longa e das moitas longínquas vinha um cheiro frio de mato molhado. Era muito cedo da manhã e Joana mal tivera tempo de lavar o rosto. A empregada ao seu lado distraía-se soletrando os anúncios do bonde. Joana encostara a têmpora direita no banco e deixava-se atordoar pelo doce ruído das rodas, transmitido sonolentemente pela madeira (LISPECTOR, 2019, p.33).

E assim foi o caminho de Joana até chegar à casa espaçosa e de móveis pesados e escuros de sua tia que ao recebê-la não deixou de expressar, imediatamente. “–*Pobre da orfãzinha!*”

(...)- *Me deixe!* - gritou Joana agudamente, batendo o pé no chão, os olhos dilatados, o corpo tremendo.” (LISPECTOR, 2019, p. 35). Não demorou para que esse novo cenário em sua vida lhe causasse estranheza. Aquele encontro com a tia lhe provocou tanto enjoo que acabou por vomitar nas rochas próximo a praia, lugar que buscou refúgio. “*Sem se conter mais, a cólera e a repugnância subiram-lhe em vagas violentas e inclinada para a cavidade entre as rochas vomitou, os olhos fechados, o corpo doloroso e vingativo.*”(LISPECTOR, 2019, p.36). A menina desceu até a praia e caminhou para sentir a água em seus pés. Joana se acalmava ali, longe de quem não estava lhe fazendo bem. A narradora continua a expressar como eram os dias e a relação entre tia e sobrinha, que, cada vez mais, se tornava desarmônica. Certo dia, enquanto sua tia se distraía ao pagar a conta no estabelecimento em que elas estavam, Joana pegou com todo cuidado um livro e o colocou embaixo do braço. No caminho para casa, a tia indagou e gritou com Joana sobre o que ela teria feito: “Roubar” o livro.

- Você acha que se pode...que se pode roubar?
 - Bem...talvez não
 - Por que então...?
 - Eu posso.
 - Você?! - gritou a tia.
 - Sim, roubei porque quis. Só roubarei quando quiser. Não faz mal nenhum.
 - Deus me ajude, quando faz mal, Joana?
 - Quando a gente rouba e tem medo. Eu não estou contente nem triste.
- (LISPECTOR, 2019, p.48).

Quando li esse trecho, fiz a interpretação de que Joana, ainda com a falta de acolhimento, sozinha e na companhia da tia que não a amparou como ela esperava, precisava de alguma forma chamar a sua atenção. Com a sensação de libertar o seu coração ainda selvagem, Joana sente em si um universo de sensações e em outros momentos a falta delas, movimentando-se na ambivalência de amor e ódio. Uma dessas sensações, a partir da leitura que faço, é a presença de apatia em certas situações, como o momento do “roubo”. O “simples” fato de roubar por roubar e não demonstrar medo, tristeza ou alegria, faz de Joana uma menina que, na visão da tia, pode ser uma afronta ou “víbora”, como expôs ao marido. “*Na minha própria casa, no meu lar onde criei minha filha, terei que pedir desculpas não-sei-de-quê a essa guria... É uma víbora. É uma víbora fria.*” (LISPECTOR, 2019, p.49). Percebo que Joana, claramente, não pertencia àquele lugar. E a sensação de não pertencimento também estava presente no coração selvagem

da protagonista, que não se deixou levar pelo autoritarismo da tia que retratava características daquela sociedade, que além do mais tinha a religião como “ditadora” das regras, pois, no seguinte trecho, temos uma mostra de como tia se referia a Joana quando pediu conselhos ao padre.

Não posso cuidar mais da menina, Alberto, juro... Padre Felício tem razão. .Eu posso de tudo, me disse ela depois de roubar... Imagine... fiquei branca. Conteí a padre Felício, pedi conselho... Ele tremeu comigo...Ah, impossível continuar! Mesmo aqui em casa, ela é sempre calada, como se não precisasse de ninguém... E quando olha é bem nos olhos, pisando a gente.- Sim, disse o tio devagar, o regime severo de um internato poderia amansá-la. Acho que se meu irmão estivesse vivo não hesitaria em matricular Joana num internato, depois de vê-la roubar... Logo esse pecado, um dos que mais ofendem a Deus. LISPECTOR, 2019, p.48-49).

Através desse recorte, é possível analisar a forte presença da crença religiosa na família dos tios de Joana e, ao que tudo indica, da sociedade daquela época. Essa obra, que foi escrita na década de 40, já demonstrava como algumas igrejas tinham o poder de “encaminhar” o futuro de algumas mulheres. O que não era visto com bons olhos, mesmo na adolescência precisava ser “melhorado”, ainda que nos dias em que estamos vivendo, em pleno século XXI, as mulheres precisam se “melhorar” diante dos bons costumes para se acomodar à aprovação dos olhares masculinos e/ou religiosos. Sendo assim, observamos a trajetória de Joana, que foi fiel a suas intuições, sem deixar que essas imposições lhe fizessem “baixar a cabeça “ao longo de suas vivências. Por outro lado, nos aguça o desejo de falar e conhecer mais sobre a fé. Desta maneira, tomei a liberdade de buscar uma possível intertextualidade com a Bíblia, na intenção de me aproximar de alguma explicação para esses comportamentos, considerados inquestionáveis quando nos referimos à figura feminina.

Já que a crença ainda é fundamental para o “encaminhamento” das famílias para que seus membros sejam propagadores da moralidade, assim como os bons costumes da família cristã, fui levada a pesquisar sobre os conceitos e mitos bíblicos sobre o começo da vida e o seu percurso. Foi no livro de Gênesis que encontrei algumas passagens que me levaram a refletir sobre o homem e a mulher a partir da visão bíblica. *“Criou Deus, pois o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.”* Gênesis1-27. (BÍBLIA Sagrada, 2011, p.4).

Meu resgate desses conceitos de criação humana se deu pelo fato de que muitos deles são presentes em nosso meio, uma vez que estão atrelados às decisões de um contexto histórico que de certa forma fere e ao mesmo tempo beneficia a todos nós. Nota-se que, quando alguém é levado ao internato por não se moldar as regras impostas pela fé, passa a ser objeto de uma

questão social. Nesse caso, todos nós estaremos envolvidos, mesmo que de maneira indireta, pois essas mesmas pessoas e seus sentimentos farão parte de um convívio social no qual estamos inseridos.

Recorto outro trecho bíblico, no livro de (Gênesis- 1-18): “*A formação da mulher*” nos propõe que “*Disse Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que seja idônea*”. Como vimos, na proposta seguida pela fé, a mulher precisa estar apta para acompanhar o homem, também precisa ter competência e ser digna para desempenhar tal papel. Isso explica o porquê da tia de Joana orgulhar-se da criação que deu a Armanda, sua filha, que se mostra uma excelente esposa para o marido. Portanto, a tia, sob as vistas da devoção a sua crença, não aceitaria a rebeldia por parte da sobrinha, o que a levou à tomada de decisões como o abandono, mas que, na sua leitura, era o melhor a ser feito. A tia tanto julgava correta sua atitude como sentia-se no direito de compará-la com a educação que Amanda havia recebido. A tia não deixou de tecer comentários com Alberto sobre a sobrinha, como o seguinte trecho atesta: “Como um pequeno demônio... Eu, com minha idade e minha experiência, depois de ter criado uma filha já casada, fico fria ao lado de Joana...” em sequência ela menciona “Eu nunca tive esse trabalho com nossa Amanda, que Deus a conserve para o seu marido” (LISPECTOR, 2019, p. 48).

Como vimos, na expressão usada pela tia, a sobrinha seria “um demônio”, termo bastante usado na esfera do cristianismo como algo inverso a Deus e ligado ao mal. E para sua filha, reservava os melhores sentimentos de admiração. Explicito, por parte da citação, um pensamento próprio: será que esse é o mais original que uma mulher poderia ser? “Conservar-se para o marido?” Joana ainda permaneceu por pouco tempo com a tia, e o que tinha de positivo nesse período foi o convívio com o professor que dava-lhe aulas particulares. Ele não apenas ensinava, como também sabia ouvir Joana e levá-la a buscar algo na linha de uma identidade possível, mas sempre sujeita a reformulações. Ele a questionava sobre seus anseios e lhe sugeria refletir. Aqueles momentos eram tão significativos para ela, causando a sensação de que os desmandos dos tios nunca existiram.

Não, realmente não sei que conselhos eu lhe daria, dizia o professor. Diga antes de tudo: O que é bom e o que é mau? -Não sei...- “Não sei não é resposta. Aprenda a encontrar tudo o que existe dentro de você.” (...) – Mau é não viver, só isso. Morrer já é outra coisa. (LISPECTOR, 2019, p. 51).

Joana queria mesmo viver, e toda a admiração que reservou pelo professor que a fazia

olhar para si mesma, foi gerando alguma mudança em seu íntimo: “Quando me surpreendo ao espelho não me assusto porque me ache feia ou bonita. É que me descubro de outra qualidade” (LISPECTOR, 2019, p.66). Quanto mais Joana se observava mais novidade ela percebia enquanto sonhadora: “Mas o sonho é mais completo que a realidade, esta me afoga na inconsciência. O que importa afinal: Viver ou saber que se está vivendo?” (LISPECTOR, 2019, p.66). E Joana, que conseguia se reinventar a cada susto que a realidade insistia em lhe proporcionar, acabou de receber a próxima notícia, que, intuitivamente, já aguardava recebê-la, mais cedo ou mais tarde. Era o momento de ser conduzida ao internato.

Tempos depois, Joana conhece Otávio e, antes de casar, ela sente imensa vontade de rever o homem que a fazia pensar e analisar sobre si mesma. “Queria rever o professor, sentir seu apoio. E quando lhe surgiu a ideia de visitá-lo acalmara-se aliviada” (LISPECTOR, 2019, p. 109). Joana, então, visita seu professor, já velho e doente, de acordo com o capítulo “O *abrigo no professor*”. Ele estava no inverso de tudo que a fez pensar sobre a vida. Acamado e medicado, não lhe dizia mais as mesmas coisas. Tal atitude do antigo mestre a levava à certeza de que esse era o momento de destinar sozinha sua vida e seu futuro casamento.

O professor recebera-a com ar sereno e distraído. Com as olheiras escuras parecia uma fotografia antiga. Fazia perguntas a Joana e mal ela iniciava a resposta ele deixava de ouvir, como enfim desobrigado. Várias vezes se interrompia, a atenção voltada para o relógio e para a mesinha dos remédios. Ela olhava ao redor e a meia escuridão era úmida e ofegante. O professor parecia um grande gato castrado reinando num porão (LISPECTOR, 2019, p. 110).

De fato, Joana repensou sobre seu reencontro com o homem por quem ainda mantinha uma imensa admiração. Ela o viu como alguém que passou a precisar de quem o servisse o remédio, pois a doença o limitara. Alguém que não estava mais com tanta concentração para ela, pois além de não ter sido uma prioridade para ele, no momento da visita menos ainda, já que a saúde era sua prioridade. Esses foram trechos de grande relevância para mim, pois Joana se reconhece capaz de organizar sua caminhada, se não com os conselhos de alguém que mostrou se importar com ela em alguma fase de sua vida, agora o faria sozinha, sozinha como realmente sempre foi. Na minha percepção, para que haja um novo começo, como a proposta de Hannah Arendt, são necessários alguns lutos, seja em casos de doença, seja a morte primeiro de sua mãe, depois a do pai. O luto está também na compreensão da personagem de que sua tia não a acolheu e que ela poderia seguir e se realizar indo ou não para um internato. Foi possível interpretar que, para haver começos diferentes dos que já havíamos tido, é também necessário que algo em nosso íntimo seja, é preciso dizer, não esquecido, porque, sim, fatos aconteceram,

mas que passem a ser sentidos como algo que não ocupa mais a prioridade em sua existência. O foco precisa ser o bem estar próprio. E Joana, de alguma forma, passou a pensar e agir sozinha. Decidiu casar-se com Otávio logo mais.

No entanto, durante o casamento, Joana tem momentos de solidão, e sensação de não pertencimento. Porém, nessa situação, não foi apenas Joana, Otávio também não se sente em totalidade realizado naquela relação, de tal modo que o enlace leva a um triângulo amoroso nesse casamento. Ele retoma um relacionamento com Lídia, uma antiga namorada, que mais tarde engravida de Otávio, levando Joana a novas indagações. Quando Joana soube que algo era novo naquela situação, através de um bilhete enviado por Lídia, a fim de receber sua visita. Logo após pensamentos e batidas aceleradas em seu coração, as duas se encontram e como mostra a passagem a seguir: “Olharam-se e não podiam se odiar ou mesmo se repelir. Lídia falara pálida e discreta, sobre vários assuntos sem interesse para nenhuma das duas. Sua gravidez nascente boiava por toda a sala, enchia-a, penetrava Joana” (LISPECTOR, 2019, p.137).

A leitura que fiz sobre Lídia é o contrário de Joana, que encontrou sua independência e manteve sua característica questionadora sobre a vida. Já Lídia era o modelo de mulher que lembrava mais a filha da tia, que se “conservava para o marido”. Lídia foi “educada” para casar e cuidar do seu marido, como se o casamento fosse seu objetivo de vida e, estando ao lado de Otávio, estaria ela realizada. Porém, Joana, não! Joana sabia que deveria ter outro propósito de vida, a realização definitiva não se limitaria apenas a um matrimônio. Seu coração era mais que isso. “Sim, ela sentia dentro de si um animal perfeito. Repugnava-lhe deixar um dia esse animal solto.” (LISPECTOR, 2019, p.17). A leitura que faço nesse trecho é de que Joana lutava contra seus medos e um deles era libertar-se de tentar agradar a todos. A partir da colaboração crítica e literária feita por Antônio Cândido para a Folha de São Paulo no ano de publicação da obra, observo que ele se refere ao romance com base na característica que percebeu na personagem:

A pobre Joana nada pode, como todos nós. Mas possui uma virtude que nem a todos é dada, recusar violentamente a lição das aparências e lutar por um estado inefável em que a suprema felicidade é o supremo poder, porque no coração selvagem da vida, pode-se tudo que quer, quando se sabe querer (CANDIDO, Folha de São Paulo, 1944).

Por intermédio dessa crítica, é perceptível que Joana causa a sensação de poder sobre o que almeja em seus leitores. A coragem vista em Joana é a mesma que falta em muitos de nós, ou um desafio em apenas aceitá-la e cultivá-la. De fato, quando as condições exteriores ditam o que uma mulher pode ou não fazer para ser bem aceita no meio em que se vive, se torna mais

delicado o processo de libertação. No entanto, quando uma mulher reconhece a força da outra, pode de alguma forma encorajá-la. E textos literários como o visto nesse trabalho podem se tornar uma excelente ferramenta de apoio para casos de opressão feminina que muitas das vezes estão diante de nossos olhos.

III. SE FOR PARA DIZER SIM, QUE SEJA PARA UM NOVO COMEÇO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste terceiro e último capítulo, que apresenta brevemente o meu percurso e aponta para as considerações finais, apresento a minha leitura sobre a possibilidade de novo(s) começo(s) em *Perto do coração selvagem*, tendo como referência a personagem Joana.

Ao pensar essa monografia até a presente conclusão, passei por inúmeras fases e sentimentos. Primeiramente, surgiu uma ideia, um interesse pessoal, que até então não possuía um formato científico. Porém, ao longo da graduação, poderia optar por algum tema que me fosse familiar ou algum tema no qual eu pudesse me desafiar. E enquanto eu somava algumas inquietações que permeavam o meu cotidiano, também me aproximava da Literatura, através da professora Luciana Jardim, por quem reservo tamanha admiração. Jamais ofusquei a minha realidade sobre a Literatura, e, apesar de apreciá-la, o sentimento de medo era presente, pois tenho inúmeras lacunas desenvolvidas durante a minha trajetória em anos anteriores. Entretanto, para minha sorte, maior que essas lacunas, algo colossal se formava em meu interior no decorrer dos últimos quatro anos: um encantamento por obras literárias.

Agradeço imensamente a professora que apresentou a Literatura por um outro viés. Pude vê-la com um olhar novo, um sentimento novo. Apesar desse trabalho ser elaborado a partir de algumas observações que vinha adquirindo, também passou a ser uma parte importante de minhas vivências, pois jamais esquecerei essa fase em que a pesquisa me proporcionou exercitar ainda mais o ouvir e acolher o outro e a outra. Além disso, fez-me ver a mulher como um sinônimo de resistência, de luta e que pode se desligar sem culpa daquilo que lhe atrapalha ou a limita, além de decidir iniciar seus projetos quantas vezes achar necessário, sem o medo de olhares de julgamento.

Sem dúvida, o estudo da Literatura me propôs um encontro com autores que só me instigam a seguir por essa trajetória encantadora e que, particularmente, a vejo como libertadora. Para que esse trabalho fosse concluído contei com a pensadora Hannah Arendt e seu conceito *Ação* no primeiro capítulo, de maneira que procurei explicar como ela é possível ser reconhecida nas atividades humanas, assim como outros teóricos que por intermédio de suas obras busquei mostrar caminhos que fossem ao encontro do conceito trazido pela autora.

A realização do segundo capítulo foi também um momento de desopilação, pois o sentimento de prazer era constante, uma vez que resumir uma obra da qual pude me identificar como leitora, foi uma experiência valiosa através da obra de Clarice Lispector.

As considerações que faço a partir da obra *Perto do Coração Selvagem* estão tanto no enredo do texto quanto no contexto da época em que o livro foi publicado até os dias em que estamos. Ainda é bastante presente o fato de que o patriarcado se mostra livremente em nossa cultura. Quando fiz a leitura do livro e fui acompanhando o crescimento de Joana, menina, mulher e lia algumas frases da tia, do próprio pai, marido, vi também a presença de uma personalidade forte e resistente, como a da protagonista. Para a época, a autora conseguiu ter a ousadia de criar e publicar a trajetória de Joana, a qual posso ser grata por ter tido a oportunidade de tê-la “lido”. Em comparação com as leituras que fiz com os exemplos de mulheres e sua forma submissa de vida que ainda possuem, observo também possibilidades de libertação feminina através da Literatura.

Essa produção foi capaz de me levar a caminhos literários em consonância com a filosofia e com o olhar voltado para a liberdade possível de ser alcançada pelas mulheres. Se pensarmos umas nas outras e disponibilizarmos caminhos que possam proporcionar leitura, como projetos literários, podemos apresentar, na Literatura escolar, autores que possibilitem esse pensamento de liberdade tão presente em Joana. Ela, que gerou conflitos internos mesmo sentindo ódio, raiva, tristeza, angústia e, mesmo assim, se revela uma personagem persistente e acredita que pode encontrar a liberdade a partir de atitudes próprias. Pois, como Hannah Arendt se refere ao ato de “Agir” ser uma das condições da “vida humana”, Joana mostrou ser uma mulher singular e que age com força e valentia dentro de uma pluralidade em prol de sua libertação, pois o que “fascinava e amedrontava a personagem era a liberdade em que ela vivia, amando repentinamente certas coisas ou, em relação a outras, cega sem usá-las sequer” (LISPECTOR, 2019, p.115). A personagem soube dizer não à arbitrariedade de uma sociedade patriarcal e sim, apenas àquilo que realmente a permitiu sentir desejo e a encontrar oportunidades de vivenciar um começo novo.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 13^o ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

BÍBLIA. Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2^oed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil,2011.

CANDIDO, Antônio. Notas de crítica Literária: Perto do Coração Selvagem. Folha de São Paulo, 1944. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22939&anchor=187498&origem=busca&pd=38b5913f2412a9627800f627484c0936> Acesso em: 26,abril. 2021.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen, 2019.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 2^a ed. São Paulo: Ática, 1995.

JARDIM, Luciana. *A experiência da Literatura desde a paixão materna*. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura Universidade Federal do Rio de Janeiro. Revista Terceira Margem, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.

ROCHA, Mónica Guerra, Preta. *A Terra é uma mulher e o meu útero, o Universo/ TEDxUniRio*. 1vídeo (17min). YouTube, 13 de set. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sNRi9A6LaHM>. Acesso em: março de 2021.